



CASTANHEIRA DE PÊRA

MENSÁRIO REGIONALISTA INDEPENDENTE

Director: HERLÂNDER MACHADO

Director-adjunto: ANTÓNIO JOSÉ DE MATOS

CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA — CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA — CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA — CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA

EDITORIAL

AS NOSSAS MOTIVAÇÕES

Pelo Conselho de Castanheira de Pera e com os seus povos queremos iniciar a nossa caminhada. Os objectivos deste Jornal são tão simplesmente os que possam de algum modo contribuir para o Bem Comum. Defendemos o que julgamos ser um salutar Regionalismo e afirmamos sincero, veemente culto pelo Espírito Lusíada — virados para o Progresso, crentes no Dever, esperançosos na criatividade e na determinação da Comunidade castanheirense.

Neste primeiro número do JORNAL DE CASTANHEIRA DE PÊRA prestamos homenagem a quantos nos precederam no animoso propósito da elaboração de um periódico que, além do mais, possa ser tido — mesmo através dos ventos da história serana — como fortalecimento de um elo entre todos os castanhei-

renses. Assim, recordamos O RIBEIRA DE PÊRA cuja publicação foi iniciada em 10 de Maio de 1914 pelo dr. Manuel Dinis Henriques (um homem cuja história está por fazer). Evocamos também um segundo jornal, denominado "O TRABALHO", dado, ao prelo, em 8 de Abril de 1916, quando "O RIBEIRA DE PÊRA" "suspendeu a sua publicação porque o seu director não quis sujeitar-se a censura prévia" (SIC).

Deste segundo periódico era proprietário e editor Raul Angelo Xavier Pereira. O novo Jornal limitou-se porém à publicação de dois números.

Ressurgia, depois, o RIBEIRA DE PÊRA, em 29 de Março de 1919, com um novo elenco responsável — José Frederico Serra (Director), Adelino H.G. dos Santos (Administrador) e An-

(continua na pág. 2)

ANO I CASTANHEIRA DE PÊRA, 1 DE JANEIRO DE 1937 N.º

1937

O Castanheirense

Director: DR. JOSÉ FERNANDES DE CARVALHO

Administrador e Editor: EDUARDO SILVA

Chefe da Redacção: J. BRAVO SERRA

Propriedade da Empresa Editora de «O Castanheirense»

Composto e impresso nas Oficinas Gráficas da Ribeira de Pera — Castanheira de Pera

no I Castanheira de Pera, 8 de Abril de 1916 Numero 1

O TRABALHO

1916

DEFENSOR DOS INTERESSES DOS POVOS D'ESTA REGIÃO

Proprietario: -- Raul Angelo Xavier Pereira

EDITOR: Raul Angelo Xavier Pereira

Redacção, administração e impressão: Tipografia RIBEIRA DE PÊRA

ASSINATURAS: — Portugal e colónias, semestre, 60 centavos (600 réis); Estrangeiro, ano, 2 escudos (24000 réis). Anúncios, linha 40 réis

Ano I *1914* Castanheira de Pera, 10 de Maio de 1914 Numero 1

O RIBEIRA DE PÊRA

Propriedade da Central Hydro-Eléctrica

DEFENSOR DOS INTERESSES DOS POVOS DO NASCENTE DA SERRA DA LOUZA

Inpressão: UNIÃO FIGUEIRENSE

Redacção, administração e impressão: ASSINATURAS: — Portugal e colónias, semestre, 60 centavos (600 réis)

perspectivas

UMA PALAVRA A ABRIR

ANTÓNIO MATOS

Pela primeira vez que me dirijo aos leitores, nesta secção, que espero apareça regularmente, parece-me ser devida uma palavra de explicação.

Porquê perspectivas para título? A palavra, já por si, o diz. Qualquer acontecimento — facto, afirmação ou ideia — pode entender-se de diversas maneiras. Estas variam conforme as pessoas e o seu modo de ser e de estar no mundo, ao nível teórico, ou então conforme os interesses a defender e projectos a promover e concretizar, a nível prático. Assim vemos que há muitas perspectivas e que estas mudam conforme a óptica do observador. Mas as perspectivas podem mudar também por causa do objecto perspectivado. Não é indi-

ferente ver uma coisa de um lado ou de outro, de frente ou de trás.

Porquê, então, perspectivas? Porque aqui apresentarei as minhas perspectivas acerca de pessoas, coisas, acontecimentos, afirmações ou ideias. E apresentá-las-ei porque são as minhas, ou as que assumo como minhas, na antecipada certeza de que qualquer perspectiva nunca será a única, mas uma entre muitas, tendo cada leitor também a sua.

Perspectivas ainda porque, ao apresentá-las, espero que isso seja um convite a que cada leitor tome consciência das suas próprias perspectivas, concordando ou discordando — que é o que menos importa — mas não

fique nunca indiferente perante tanta coisa que continuamente acontece. Um convite a que reflecta, perspective e formule a sua opinião, motivada e esclarecida, na alegria de quem é capaz de resistir aos esforços de toda a ordem, que sobre nós se abatem para nos fazer pensar de maneira diferente da nossa, de resistir ao fenómeno da massificação que pretende pôr toda a gente a pensar da mesma maneira, de harmonia com as ideias, pretensamente iluminadas, de um ou de meia dúzia.

Porquê perspectivas? Porque não é pensando pela cabeça dos outros que nos podemos dignificar, nem promover, nem ser iguais a nós mesmos. Porque pre-

(continua na pág. 2)

CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA — CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA — CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA — CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA

ESTATUTO EDITORIAL DO JORNAL DE CASTANHEIRA DE PÊRA

1. É um mensário regionalista independente.
2. É um meio de informação que pretende contribuir para um melhor conhecimento dos problemas regionais e nacionais.
3. Pretende difundir uma informação séria e fundamentada, interessante e actual, orientada especialmente para o enriquecimento cultural.
4. Dará especial atenção aos recursos naturais e humanos mais propensos ao desenvolvimento do concelho de Castanheira de Pêra.
5. Está aberto à opinião e atento à informação.
6. Assume-se como um veículo bairrista das potencialidades e dos problemas do concelho, procurando dar-lhes difusão com a maior amplitude que estiver ao seu alcance.
7. Procurará conjugar o seu projecto informativo e formativo com a qualidade gráfica que os seus recursos possibilitem.
8. Afirmará o seu respeito pelos valores da Cultura Portuguesa.
9. A Direcção reserva-se o direito de não publicar artigos de colaboração não solicitada ou de os condensar sem, no entanto, alterar o seu conteúdo essencial.
10. As colaborações não traduzem necessariamente os pontos de vista da Direcção.
11. Será incluída a publicidade que a Direcção não considerar contrária ao estatuto editorial e à qualidade informativa e gráfica do Jornal.
12. Aceita os colaboradores, permanentes ou eventuais, com base na qualidade e idoneidade dos seus escritos e tendo em atenção o seu perfil regionalista ou cultural.

SARZEDAS DE S. PEDRO

Escola Primária

Há já umas dezenas de anos que, em local aprazível, foi pelo benemérito desta localidade Cipriano Lopes de Almeida, mandado construir um bellissimo edificio escolar com duas salas de aulas para ambos os sexos conforme exigências daquela época. Com o rodar dos tempos e a falta de conservação, o seu estado passou a ser deplorável, chegando até a

ameaçar perigo para professor e alunos.

A Câmara Municipal resolveu, e muito bem, mandar proceder ao seu restauro e apetrechá-la com decentes e funcionais casas de banho, estando já as obras completadas e as suas portas prontas a abrir a esta época escolar.

Capela de S. Pedro

Este edificio, recentemente mandado construir pelo falecido benemérito Albano Antunes Morgado, foi agora dotado de um guarda-vento, cuja falta muito se fazia sentir.

Tal iniciativa, foi tomada pela

menina Ema Almeida Morgado, que a seu cargo custeou as respectivas despesas, demonstrando assim que também herdou de seu pai o desejo de à sociedade ser útil.

Iluminação do Arraial de S. Pedro

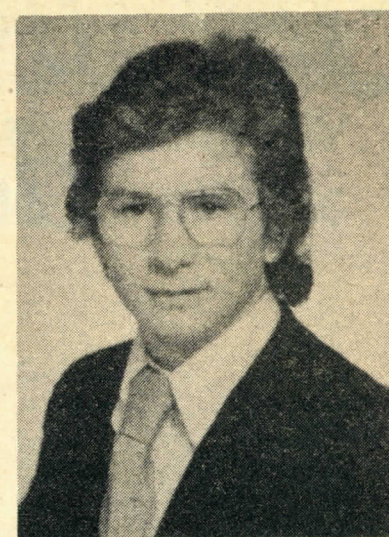
Pela Câmara Municipal, foram mandados colocar à entrada do adro dois bellissimo candeeiros cuja iluminação muito beneficiou aquele recinto.

Bom seria que outros dois candeeiros fossem colocados na retaguarda da Capela para completa iluminação.

Também o mesmo arraial foi beneficiado com uma passadeira em calçada que une a escada com a porta principal da Capela.

Tal obra, da iniciativa da Comissão de Culto, foi custeada por uma subscrição em que o povo destes lugares, mais uma vez demonstrou o seu espirito de colaboração.

NOVO JURISTA



GUALTER DE JESUS ALVES DOS SANTOS

Acaba de completar a Licenciatura em Direito, pela Universidade de Coimbra, o nosso conterrâneo e amigo Sr. Dr. Gualter de Jesus Alves dos Santos.

Professor primário do Ensino Especial e chefe da correspondente equipa técnica de Pombal, o novo licenciado já iniciou o estágio de advocacia naquela localidade.

Os nossos augúrios são os de uma brilhante carreira para o novo advogado, em cuja juventude e talento, para além do civismo e cordialidade, residirá o êxito e o prestígio de que o julgamos merecedor.

Contamos com o Sr. Dr. Gualter Alves dos Santos como colaborador do "Jornal de Castanheira de Pêra". Ele escreverá crónicas mensais sobre temas de Puerícia, da Pedagogia, do Magistério Primário a que tem dedicado alguns anos da sua juventude.

Com as nossas felicitações e com os desejos de que a vida lhe ofereça, em todos os campos, as maiores venturas, daqui lhe endereçamos homenagens.

AS NOSSAS MOTIVAÇÕES

(continuação da pág. 1)

tónio R.M. Serrano (Editor).

Apenas publicou 4 números, sendo o último datado de 27 de Abril de 1919.

Longo período se seguiu sem que Castanheira de Pêra tivesse o seu Jornal. Mas, em 1 de Janeiro de 1937, apareceu o CASTANHEIRENSE, tendo como Director o dr. José Fernandes de Carvalho, como administrador Eduardo Silva e como Chefe de Redacção J. Bravo Serra.

De 1937 a 1981, o CASTANHEIRENSE prestou notável contributo para o desenvolvimento do Concelho. Pela sua Direcção passaram os saudosos Adriano José Sebastião Coelho e Ilídio José Coelho. Na chefia da Redacção estiveram António Maria Saraiva, Silva Canuto, etc.

Como Director-Interino foi Eduardo Silva o último responsável por esse Jornal que, ao que parece, chegou ao final de

uma carreira digna, sóbria, humilde, mas sempre aprumada. Pôde sempre contar com colaborações diletantes — E até pensamos que poderá renascer, em salutar concorrência conosco — que o ideal é comum!

Para completar este apontamento — que é apenas um simples e desprezioso subsídio para a História da Imprensa Periódica em Castanheira de Pêra — registaremos a revista anual TERRA DE ENCANTOS que foi publicada no COENTRAL, mas que só editou dois números — em 15 de Agosto de 1956 e em 15 de Agosto de 1957.

O JORNAL DE CASTANHEIRA DE PÊRA nasce hoje de um acto de Amor. Abre os olhos para a Luz em Esperança, em Sonho, em Ideal de Progresso e de Cultura.

Nele se procurará ilustrar um idealismo à maneira de Hegel —

em que tese e antítese dão lugar à síntese — para que Tradição e Devir, Factos, Ideias ou críticas dêem perspectivas novas ao Progresso da nossa terra.

Perfilhando desígnios de valorização regionalista, queremos participar na salvaguarda dos interesses espirituais e materiais da nossa Terra. E é com fervor que guardamos um anseio de solidariedade humanística.

Queremos saudar ainda quantos Castanhenses labutam no Brasil, na América do Norte, em França, na Alemanha ou em qualquer outra parte do Mundo. Propomos levar a todos os Castanhenses uma mensagem de Amizade. E, com as notícias, as opiniões, as críticas e os reparos às carências, às destruições iconoclastas que porventura observarmos no nosso concelho, transmitiremos a todos o desejo de con-

secução de um significativo "dar de mãos" para o progresso de Castanheira de Pêra.

Motivações pessoais — sempre respeitáveis — afastaram da equipa algumas promissoras vontades. Quando todos não seríamos demais, penalizou-nos verificar o afastamento voluntário de alguns. Mas se há palavras e atitudes, irreverências e susceptibilidades, diatribes e insinuações que malquistam ou convidam à renúncia, também há ideais e sentimentos, determinação e amor, anseios legítimos tão pujantes, tão arreigados a uma pertinácia consciente que, num caldeamento de razão e de sentimento, de mágoa e desencantos, nos levam a continuar a caminhada — em firmeza de antes quebrar que torcer (pois somos beirões). E o Jornal de CASTANHEIRA DE PÊRA aqui está — para servir o Concelho, para amar o seu

povo. Seremos diálogo aberto. Não veremos adversários em ninguém. Sim, nascemos de um Acto de Amor — para amar e servir, com dignidade de acção e realismo, o concelho de Castanheira de Pêra.

E, se somos independentes, também dependemos, afinal, de todos os conterrâneos de boa vontade. Mas acreditamos na sua receptividade e adesão. Afinal é em homenagem ao povo da vila e das aldeias, aos outros que labutam por esse Portugal fora ou, para além dele, aos emigrantes que sofrem agruras de um desterro lá pelas sete partidas do mundo (sempre na saudade da sua terra e dos amigos que por cá ficaram) que levamos de vencida todas as dificuldades e enfrentamos alguns negativismos.

Aqui estamos. E vamos continuar — se Deus quiser!

31.10.1982

HERLÂNDER MACHADO

UMA PALAVRA A ABRIR

(continuação da pág. 1)

tendem ser resultado duma reflexão a motivar outras reflexões, sobre os mesmos ou outros assuntos, mas reflexões pelos próprios meios, segundo os dados de que se dispõe.

Perspectivas porque não é por acaso que o ser humano se distingue das outras criaturas precisamente pela capacidade de pensar e porque também não é por acaso que todos os regimes totalitários, ou que o pretendem ser, sempre se preocupam com evitar que o homem pense, ou pense diferentemente da "verdade oficial".

Perspectivas enfim, porque, resultado do exercício

de uma liberdade, procuram encontrar-se com o exercício de outras liberdades, no sentido de promover o homem enquanto homem, naquilo que ele tem de mais sublime e nobre — a sua inteligência e a sua liberdade.

Deste modo, ficará também esclarecido que os destinatários desta secção são todos aqueles que, assíduos a este encontro mensal, forem capazes de comparar serenamente uma opinião com outra opinião, uma perspectiva com outra perspectiva, um ponto de vista com outro ponto de vista. E tudo isto no diálogo franco, na tolerância sincera, na compreensão esclarecida, atitudes sem as quais de nada adianta qualquer intercâmbio de perspectivas.

LEIA
ASSINE
E
DIVULGUE
O JORNAL
DE
CASTANHEIRA
DE PÊRA

JORNAL DE CASTANHEIRA DE PÊRA

Mensário Regionalista
Independente

Publica-se no último dia
de cada mês

APARTADO 13
3280 CASTANHEIRA
E PÊRA

Director — Herlânder Machado
Director-Adjunto — António
José de Matos
Administrador — Belarmino
Henriques Correia
Chefe da Publicidade — Jorge
Pimentel Ladeira

Colaboradores:

Amadeu de Almeida Joaquim
António de Jesus Ramos
Joaquim Cardoso Duarte
José Cláudio Antunes
José Manuel Machado Fernandes

Correspondentes:

Coentral — José Alves Barata
Camelo — Manuel Caetano
Pêra — Pompílio Antunes
Palheira — Adelino Marques
Sapateira — Gualter Fernandes
Vilar — Eurico Pardiniha
Gestosa Cimeira — Anibal Tavares
Gestosa Fundeira — Porfírio
Alexandre
Fontão — Porfírio Cepas
Troviscal — Isaltino Conceição
Carregal — Filipe Carvalho
Moita — Rui Santos
Sarzedas — Arlindo Silva

Correspondente no Brasil:
Eduardo Coelho

Propriedade — Herlânder Alves
Machado
Composição e Impressão
Empresa do "Jornal do
Comércio"
LISBOA

INICIATIVA PIONEIRA EM CASTANHEIRA DE PERA

CENTRO DE SERVIÇO DE APOIO FAMILIAR

Encontra-se em funcionamento, na vila de Castanheira de Pera, desde meados de Outubro de 1981, um Centro de Serviço de Apoio Familiar, que é um dos nove que nessa altura foram criados em todo o País, e todos na diocese de Coimbra, numa primeira fase experimental. Os restantes encontram-se na Figueira da Foz, em Vila Nova de Poiares e seis na cidade de Coimbra. Posteriormente, foram criados mais dois, ambos na província.

Estes Centros de Apoio Familiar são uma novidade no nosso país e, num primeiro tempo, pretendem apoiar as famílias com crianças em idade escolar, ocupando os seus tempos livres de uma maneira agradável, útil e fomentadora da valorização pessoal de cada criança.

No lançamento desta iniciativa, que conta com o apoio da Cáritas diocesana, as paróquias que dela beneficiam tiveram um papel muito importante, pois se encarregaram das instalações e equipamento necessário, bem como da selecção das monitoras que se encontram à frente dos Centros. Concretizada a iniciativa, a acção da paróquia visa despertar o interesse dos pais, no sentido de uma educação integrada e harmónica dos filhos, e garantir uma adequada ligação com a escola, na linha de uma estreita colaboração, pois esta actividade bem se pode considerar uma valiosa ocupação circum-escolar.

Os Centros são mantidos graças a uma pequena contribuição dos pais das crianças, destinada a despesas de manutenção e a um subsídio da Secretaria de Estado da Família, destinado à remuneração das monitoras. No caso de Castanheira de Pera, a contribuição dos pais é pouco mais que simbólica, apenas de cem escudos por mês, em virtude de o Centro contar, desde o início, com o apoio e subsídio da Câmara Municipal, da Junta de Freguesia e, ultimamente, também do Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis.

Visitámos o Centro da nossa Vila e ficámos muito agradavelmente surpreendidos pela qualidade das instalações, o interesse das crianças e a competência e dedicação da monitora, realidades, aliás, por todos reconhecidas. As instalações que, neste momento e a título de empréstimo, são na sede da Filarmónica, por especial deferência da sua Direcção, e enquanto se processam as obras em curso na Casa da Criança, proporcionam às crianças um ambiente alegre e saudável, decorado por elas próprias, o que lhe dá um encanto particular. As instalações ocupadas na Casa da Criança são constituídas por uma pequena parte do seu complexo, compreendendo uma sala para as actividades e logradouro coberto e ao ar livre.

Os trabalhos que vimos, realizados pelas crianças, são bem elucidativos, do mesmo modo que o manifesto interesse que elas denotam e que já referimos. Ao perguntarmos quem garante o funcionamento da sala a nível de direcção e apoio concreto, foi-nos informado que esse funcionamento é

garantido por uma equipa administrativa, formada por pais das crianças e por uma equipa de apoio pedagógico-didáctico, integrada por todas as professoras do ensino primário que leccionam na escola da vila, que, com a melhor boa vontade, para tal se ofereceram, reconhecendo o valor do Centro e o interesse de contar com o seu apoio.

Outras coisas nos lembrámos de perguntar, mas ficámos por aqui, certos de tratar-se de uma bela iniciativa que gostaríamos de ver generalizada, para bem das crianças do nosso país.

VISITA DA SENHORA SECRETÁRIA DE ESTADO DA FAMÍLIA AO CENTRO DE APOIO FAMILIAR DE CASTANHEIRA DE PERA

Dado tratar-se de uma iniciativa de vanguarda no nosso país, não admira que a titular da Secretaria de Estado da Família lhe dê particular atenção. Com efeito, do bom ou mau resultado desta experiência dependerá, em boa medida, que a iniciativa se alargue aos diferentes pontos do País, ou não passe de um sonho lindo mas desajustado da realidade.

É nesta perspectiva que se enquadram as visitas que a Senhora Secretária de Estado da Família, Dra. Teresa Costa Macedo, fez a muitos dos Centros em funcionamento. Visitas de trabalho, para contacto directo com as realidades e daí visitas particulares, sem formalidades nem aparatos oficiais, visitas que apenas pretendem um conhecimento directo e sereno, para um juízo de avaliação fundamentado e objectivo.

Foi assim que chegou também a vez de se deslocar a Castanheira de Pera, em visita particular, para tomar contacto com a realidade que é o nosso Centro, o que aconteceu no dia 21 de Maio, próximo passado.

Passavam poucos minutos das dezasete horas, quando a ilustre visitante chegou ao termo da vila, onde a esperava o Pároco da freguesia que logo a encaminhou para as instalações do Centro, onde era aguardada pelas responsáveis da iniciativa, muitos pais de crianças e pelas entidades locais mais directamente ligadas ao Centro, nomeadamente o Presidente da edilidade. Porque visita particular, não houve convites oficiais. De Coimbra, acompanharam a Senhora Secretária de Estado dois elementos da equipa técnica de apoio e o Secretário Diocesano da Cáritas, P^o Antó-

nio de Sousa.

Foi uma visita muito agradável de seguir. Após os cumprimentos iniciais, falaram o Pároco, o Presidente da Câmara e a Senhora Secretária de Estado. As crianças cantaram uns numezinhos do seu repertório em honra da Visitante e de quantos a acompanharam e, a partir daí, foi uma série de conversas e contactos o mais informais possível, em família, como acentuaria a Senhora Secretária de Estado, dando a maior atenção às crianças e aos seus trabalhos, quer aos expostos — os já terminados — quer aos que se encontravam ainda em fase de execução.

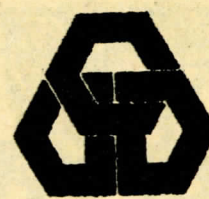
Visivelmente bem impressionada por tudo quanto tivera oportunidade de ver e contactar, a ilustre visitante não deixou de, mais de uma vez, o manifestar, para satisfação de quantos se dedicam a uma iniciativa de real interesse e que conta cada vez com mais adesões, à medida que se torna mais conhecida das pessoas, e sobretudo dos pais das crianças.

Julgamos saber que esta visita tinha um cariz algo especial em virtude de nos serviços técnicos de apoio à iniciativa, serviços que acompanham de muito perto as actividades dos diversos Centros, haver a impressão de que o Centro de Castanheira de Pera é um dos que têm funcionado melhor em cada um dos aspectos considerados, e no seu conjunto, o que deve ser um motivo de justificada satisfação para quantos nele estão directamente empenhados e para a nossa terra, em geral.

Depois do Centro de Apoio Familiar, a Senhora Secretária de Estado da Família dirigiu-se para a Casa de Educação e Trabalho São Paulo, que também visitou, acompanhada por quantos a seguiram do Centro até lá. Aí tomou contacto com esta iniciativa que contribui, de forma sensível, para a valorização das jovens da nossa terra, no plano da sua preparação como futuras donas de casa. Conheceu os seus problemas e dificuldades, apreciou o trabalho desenvolvido e, sobretudo, rasgou pistas e alargou horizontes, dentro dos quais bem se poderiam resolver alguns dos maiores problemas do momento.

Finalmente, foi servido um lanche à ilustre visitante e a quantos a acompanharam, bem como às crianças do Centro de Apoio Familiar, após o que, com a informalidade com que chegou, a Senhora Dra. Teresa Costa Macedo deixou a nossa terra, não sem, por mais de uma vez, manifestar o agrado que lhe proporcionou esta visita.

A. M.



CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Põe ao dispor dos seus clientes a sua experiência e a sua segurança. E muitas soluções para o seu caso:

DEPÓSITOS À ORDEM

Conta Caderneta para quem quer constituir poupanças estáveis, embora podendo dispor do seu dinheiro em qualquer altura.

Conta Extracto especialmente indicada para as pessoas com numerosas movimentações por cheque. Poupa tempo, traz comodidade, é dinâmica.

Periodicamente receberá o extracto da sua conta.

Caderneta das Delegações Postais ao serviço dos que viajam, em férias, em trabalho. Pode levantar o seu dinheiro em 1400 locais diferentes, por todo o País.

Em qualquer dos casos, os mais altos juros em vigor:

Até 150 000\$00	4 %
No excedente	2 %

DEPÓSITOS A PRAZO

Para aqueles que desejam obter maiores rendimentos para as suas economias. Com segurança, com estabilidade.

E os juros continuam a ser os mais altos:

De 30 a 90 dias	11 %
De 91 a 180 dias	15 %
De 181 a 365 dias	21,5 %
De 366 a 730 dias	23 %

A escolha dos prazos é sua.

E há ainda outras soluções, com juros superiores, conforme os casos.

DEPÓSITOS DE POUPANÇA de 23 % (1 ano) a 24 % (superior a 4 anos).

Indicada para jovens que pensam no futuro — e o futuro começa pelo presente.

DEPÓSITOS DE POUPANÇA CRÉDITO

Especial para os emigrantes e seus descendentes em primeiro grau. Para fazer face à compra de uma casa, de um terreno, à instalação de uma indústria ou lavoura. **Com isenção de impostos.** Juros dos depósitos a prazo. Taxa muito favorável para os empréstimos (12, 5 %).

DEPÓSITOS EM MOEDA ESTRANGEIRA

Para emigrantes e seus familiares residentes no estrangeiro. Juros diversificados, conforme a moeda em que é feito o depósito. Também isentos de impostos.

Como vê, temos uma extensa gama de soluções ao seu dispor — mas não só no campo dos Depósitos. Também na área do Crédito. E na de prestação de serviços.

Consulte-nos para melhor esclarecimento. O seu caso pessoal será estudado com o maior cuidado.

Estamos ao seu dispor. A maior rede de balcões de todo o País.

Em 3280 CASTANHEIRA DE PERA, na Rua Adrião Reis

Seja benvindo à

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS



AUTO S. DOMINGOS

OFICINA DE REPARAÇÕES DE AUTOMÓVEIS
DE ZUZARTE E SILVA
GRANDES STOCKES

Óleos: CASTROL e BP

Baterias: TUDOR

Moto-Serras: McCULLOCH

TELEFONE 44364

3280 CASTANHEIRA DE PERA

Paisagem do QUOTIDIANO

NUNO BERMUDES

"Quem vem poder o que só eu posso,
Que moro onde nunca ninguém visse
E escorro os medos do mar sem fundo?"

Fala de "O Mostrengo"

FERNANDO PESSOA



AQUI AO LEME

O homem, finalmente, conquistou o espaço interplanetário, deixou as marcas das suas pegadas no solo lunar e a louca profecia de Júlio Verne inteiramente se cumpriu.

Sem, porém, subestimar o extraordinário feito dos norte-americanos, não podemos, contudo, esquecer os não menos espantosos feitos daqueles nossos antepassados que se meteram, em frágeis embarcações à vela, ao desconhecido líquido dos oceanos e o venceram e conquistaram.

Fenícios, cartagineses, viquingues, portugueses, espanhóis e italianos foram, através dos séculos, os astronautas sem asas de sucessivas aventuras no espaço marítimo, muito mais ignorado e medonho, então, do que o actual mundo do silêncio das galáxias.

E contra eles tiveram, até, o que não têm os cosmonautas de hoje: a quase total ignorância das mais elementares ciências, o que os levou, cegos e ao sabor dos favores e dos azares da Natureza, ao encontro de nem sabiam o quê.

Contando apenas consigo mesmos, guiando-se pelas estrelas, sujeitando-se às infundáveis calmarias que os matavam de inanição, sob a terrível ameaça da sede e do escorbuto, ou às mais temíveis tempestades, que não raro os destruíam, eles chegavam, quando chegavam e, tantas vezes, para não voltarem ao ponto de partida.

E foram vítimas da fome, da doença, do desespero e da loucura.

E, ao pisarem as terras descobertas, armas traiçoeiras os esperavam e

trespassavam, deixando-os caídos, para sempre, em praias desertas e matagais sem fim.

E nem ao menos receberam, em vida, o preito de uma homenagem universal, prestada e transmitida aos quatro ventos, em todas as línguas e dialectos.

A partir do momento em que os barcos em que seguiam largavam dos cais da Europa e se metiam aos caminhos do mar nunca dantes navegados, nenhuma voz ia de longe dizer-lhes o que deviam fazer, como emendarem o rumo errado ou contornarem o perigo e salvarem-se.

Sós, entre as ondas revoltas e o céu sombrio, se lhes aparecia um qualquer colossal obstáculo, ou tinham de o transpor ou regressar ou morrer.

Por isso, os pilotos das naves espaciais que demandam a Lua jamais inspirariam o genial poeta da "Mensagem" que escreveu, ressuscitando, em Poesia, o piloto da nau que havia de vencer o Cabo das Tormentas, em sua boca lhe pondo o grito de rebelião do mísero David lusitano:

"Aqui ao leme sou mais do que eu!"

EFEMÉRIDES

5 DE OUTUBRO DE 1910

IMPLANTAÇÃO DA REPÚBLICA EM PORTUGAL

PEDRO LIVRE

O movimento revolucionário de 5 de Outubro de 1910 deu-se em natural sequência da acção doutrinária e política que, desde a criação do Partido Republicano, em 1876, vinha sendo desenvolvida. Assim, pode dizer-se que esta revolução não foi um acto de surpresa. A contraposição entre Monarquia e República ganha vulto e a propaganda republicana fora sabendo tirar partido de alguns factos históricos de repercussão popular. As comemorações do centenário da morte de Camões, em 1880, e o "Ultimatum" inglês, em 1890, foram habilmente aproveitados pelos defensores das doutrinas republicanas que se identificaram com os sentimentos nacionais e com as aspirações populares.

Elias Garcia, Manuel Arriaga, Magalhães Lima, tal como o operário Agostinho da Silva foram vultos consagrados em comícios de propaganda republicana, desde 1880.

O terceiro centenário da morte de Camões foi comemorado com actos muito significativos — como o grandioso cortejo cívico que percorreu as ruas de Lisboa, no meio de grande entusiasmo popular, e, também, a trasladação dos restos mortais de Camões e de Vasco da Gama para o Panteão Nacional. As luminárias e o ar de festa nacional que caracterizaram as comemorações completaram esse quadro de exaltação patriótica.

Partira a ideia das comemorações camoneanas da Sociedade de Geografia de Lisboa, mas a execução coube a uma comissão de representantes da Imprensa de Lisboa, constituída pelo Visconde de Jorumenha, por Teófilo Braga, Ramalho Ortigão, Batalha Reis, Magalhães Lima e Pinheiro Chagas. E é sintomático que, numa das caricaturas devidas ao lápis talentoso de Rafael Bordalo Pinheiro, a figura de Camões surja ostentando um barrete frígido, enquanto, nesse mesmo desenho gracioso, se insinua um divórcio entre a Monarquia e a Nação Portuguesa (o rei D. Luís e o ministro Fontes Pereira de Melo voltam as costas ao Épico Lusíada, em tibieza e pequenez). E o Partido Republicano, ao qual pertenciam as figuras mais representativas da Comissão Executiva das comemorações do tricentenário camoneano, ganhou grande popularidade. Escreveu-se, mesmo, que "essas comemorações foram o ponto de partida para projecção popular e nacional que aquele partido alcançou e merecia" ... E esse facto viria a ser interpretado como uma "ressurreição do espírito cívico em Portugal..." Era como que um jubileu nacional... E estaria, depois, na génese de numerosas medidas de fomento económico, tais como as do alargamento da rede de estradas e de caminhos de ferro, da desamortização dos baldios, da fundação de Bancos destinados ao desenvolvimento agrícola e industrial. Surgia uma mística! Insinuava-se uma linha de pensamento que associava à Monarquia o abastardamento e a decadência e anunciava o ressurgimento e a dignificação pela República.

O "Ultimatum" de 11 de Janeiro de 1890, apresentado pelo Governo Inglês, através do seu ministro plenipotenciário, em Lisboa, invocando a "ocupação efectiva", pelos Ingleses, do território compreendido entre Angola e Moçambique, no Chire e na região dos Makololos, viria a provocar uma grave crise política em Portugal, caracterizada por uma reacção

patriótica e, também, por uma ameaça à semelhança das instituições monárquicas. Cairia o governo do partido progressista e subiria ao Poder um governo regenerador, que, face à situação das negociações com a Inglaterra, conducentes a mais transigências, acabou por se demitir. E, ao fim de morosas diligências, foi formado

novo governo, extra-partidário, com progressistas e regeneradores dissidentes.

No rescaldo de toda a agitação política, em que se debitou à Monarquia toda a responsabilidade pela humilhação nacional a que Portugal fora submetido, cresceu a indignação popular e criou-se um clima propício à revolta. E, na manhã de 31 de Janeiro de 1891, deu-se, no Porto, a primeira revolução republicana. Uma parte das tropas da guarnição daquela cidade sublevoou-se e, contando com a adesão de outras terras, lançou-se numa aventura, em que sofreu a derrota.

Visava esse movimento revolucionário a proclamação da República.

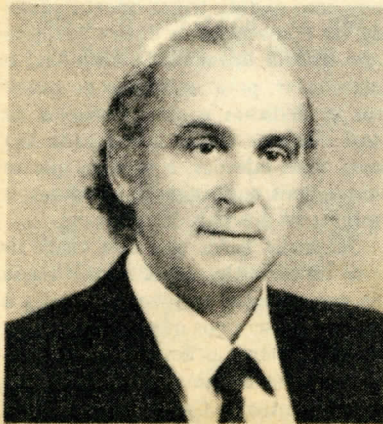
O seu chefe civil era o Dr. Alves de Veiga e os comandantes das forças militares revolucionárias eram o capitão Amaral Leitão, o tenente Coelho e o alferes Malheiro. Mas, mal planejado, sem o apoio do Directório do Partido Republicano (constituído por Bernardino Pinheiro, Manuel Arriaga, Jacinto Nunes, Azevedo e Silva, Homem Cristo e Teófilo Braga) esse movimento não pôde contar com a adesão das forças de outras terras, incluindo Lisboa, e acabou por ser dominado pelas tropas fiéis ao governo monárquico.

Seguir-se-ia, nesse ano de 1891, uma grave crise económica, associada a uma reacção conservadora que não

(continua na pág. 7)

FIGURAS DO CONCELHO

DR. RUI SIMÕES BENTO



Acaba de ser eleito para a presidência do Conselho Geral do Hospital de Santa Marta de Lisboa o nosso conterrâneo Dr. Rui Simões Bento, Director do Serviço de Cirurgia Cardíaco-Torácica daquele hospital.

Médico desde 1962, interno dos Hospitais Cívis de Lisboa, cirurgião-geral em cardiologia, o Dr. Rui Simões Bento trabalhou, de 1968 a 1970, com o célebre médico sul-africano Prof. C. N. Barnard.

Teve várias bolsas de estudo para a frequência de cursos no estrangeiro, nomeadamente na Alemanha,

na Inglaterra e nos Estados Unidos da América e é membro de diversas Sociedades Médicas nacionais e estrangeiras. Tem publicados grande número de estudos médico-científicos. Foi agraciado em 4.9.81, com a Cruz Vermelha de Mérito, da Cruz Vermelha Portuguesa.

Há cerca de três anos que Dr. Rui Simões Bento vem realizando transplantações renais.

O "Jornal de Castanheira de Péra" saúda o ilustre médico desejando-lhe novos êxitos na sua já tão brilhante carreira profissional.

FIANDEIRA CASTANHEIRENSE

INDÚSTRIA TÊXTIL, LDA. IMPORTAÇÃO • EXPORTAÇÃO

FÁBRICA DE PENTEÇÃO DE LÃS E FIBRAS

EQUIPADA COM OS MAIS MODERNOS MAQUINISMOS



TELEFONES 44101 e 44479 • TELEX 14686 FISCAL P

3280 CASTANHEIRA DE PERA (PORTUGAL)

Leitaria Castanheirense, Lda.

Café — Chá — Chocolate — Cerveja ao Copo

COM ESTABELECIMENTO DE:
MERCEARIAS - FAZENDAS - LOUÇAS - VIDROS

TELEFONE 44 361

3280 CASTANHEIRA DE PERA

A FAMÍLIA E A ESCOLA

REABERTURA DAS AULAS

GUALTER ALVES DOS SANTOS

Um novo ano escolar está prestes a iniciar-se. Para algumas crianças e mães a entrada na Escola é um marco importante na sua vida, para outras a reabertura das aulas representa o fim de um período de férias de descanso de lazer o retomar das obrigações escolares.

As primeiras viveram até então, num ambiente familiar sempre pronto a resolver todos os problemas que porventura surgissem e vão agora confrontar-se com um ambiente completamente diferente, com adultos que nunca viram, muitos companheiros novos, trabalhar em grupo, participar em jogos, partilhar os materiais, submeterem-se a uma certa organização e naturalmente ao respeito por regras de comportamento, relação, movimento, horários, etc. Por isso torna-se desejável e aconselhável a preparação dos filhos para o "grande dia".

A Escola não pode significar castigo para a criança, mas ao contrário um local onde tem a oportunidade de aprender coisas interessantes, onde pode conviver, ter novos amigos e trabalhar tal qual o pai e ou a mãe tem o seu local de trabalho na fábrica, na casa ou noutro sítio.

Assim a criança sentir-se-á entusiasmada e confiante para encarar o primeiro dia não tendo certamente problemas de integração na vida da Escola.

Na primeira ida à Escola é habitual ver-se a mãe acompanhar o filho, não há mal nenhum nisso mas será preferível "o caloiro" integrar-se no grupo de amigos do bairro que frequentam a mesma escola evitando-se assim possíveis cenas emocionais com algumas lágrimas à mistura que só embaraçam e deprimem a criança.

Quanto aos outros estudantes que vão iniciar mais uma etapa da sua

carreira, agora reconfortados e cheios de energia após um período de férias, lá vão com esperança de um bom ano de trabalho. Os pais devem abster-se de comentários desagradáveis relativos aos resultados do ano anterior ou fazer avisos ameaçadores, pois longe de os moralizar e entusiasmar para as actividades do novo ano só os levará a um estado de medo nada contribuindo para a tranquilidade e confiança necessárias. Devem sim chamar-lhes à atenção para as suas responsabilidades e manifestar-lhes a sua colaboração e disponibilidade. O novo ano ano projecta-se para o futuro e não para o passado.

Os contactos dos encarregados de educação com a Escola devem fazer-se desde o primeiro dia, com regularidade e não como na maioria dos casos e infelizmente acontece aos fins de Maio ou princípios de Junho apenas para se saber se o educando tem aproveitamento.

A família tem de ter consciência que o ensino ministrado e o processo de aprendizagem o mesmo é dizer a educação dos seus filhos, é um assunto seu e não apenas questão para os professores. Só no diálogo franco com filhos e professores, com participação nos problemas da Escola e acompanhamento de todo o processo educacional será possível ter bons estudantes e evitar que os nossos jovens caiam nas malhas da delinquência, da prostituição e na droga, e isto desde a primeira hora.

Apesar da falta de alternativas, que faz reduzir a população, ainda há quem "se mantém por aqui, trabalhando na indústria e na agricultura".

COENTRAL CADA VEZ MENOS GENTE

O Coentral é uma das duas freguesias do Concelho de Castanheira de Péra.

Situada em plena serra da Lousã, esta freguesia engloba lugares do Coentral Grande, do Coentral Pequeno, do Camelo e do Carriçal.

Localizada no limite Norte do Distrito de Leiria esta freguesia tem, ao longo do tempo, registado diminuição do número dos seus habitantes. No princípio do século, viviam no Coentral cerca de oitocentos habitantes, mas, talvez pela vida dura que a aldeia lhes oferece os naturais desta freguesia têm partido para Lisboa (principalmente) e também é tradicional emigrarem — outrora, para as Américas e África, agora, para alguns países da

Europa (França e Alemanha), fazendo, assim, com que o Coentral esteja cada vez mais despovoado.

Houve tempo que um grande número de coentralenses se dedicava ao ofício dos NEVEIROS, mas, hoje, ou se trabalha a terra ou se vai para uma das suas fábricas de meias de lã que no Coentral existem.

Sem grande alternativa e sem grandes perspectivas de futuro, a tendência é para um número cada vez mais pequeno de habitantes, os quais totalizam, hoje, apenas duzentos.

Apesar de tudo, ainda há gente que gosta mais da simplicidade, da tranquilidade e que se mantém por aqui, trabalhando na indústria e na agricultura.

Mas não se pode dizer que o progresso não atingiu o Coentral, com luz eléctrica há cerca de 50 anos, com carreiras diárias de camioneta para Lisboa e Coimbra (apenas se poderá dizer que, inexplicavelmente, os horários não servem completamente as populações, porque há autocarros que se ficam pelo Bolo e camionetas que partem da vila sem terem ligação com as que contactam com o Coentral).

Telefones (maus), televisão, água ao domicílio, transportes de pão e de outros alimentos, caminhos calçadados, etc., suavizam o isolamento da população.

Mas esta tem envelhecido. Os novos saem para outros lados. E isto, talvez, porque an-

tigamente eram mais simples e tinham provavelmente mais amor à terra, preferindo a vida no Coentral, com todas as suas privações, e, também, com a sua calma e tranquilidade, em vez do barulho, da confusão e — porque não registar isso também? — do conforto que a cidade lhes pode dar.

Entre os benefícios ultimamente concretizados no Coentral, avulta a criação de um "Centro de Dia para a Terceira Idade", onde, em bom convívio, são servidas refeições. Os "velhotes" podem confraternizar ali e passar mais agradavelmente os seus dias.

HELDER MACHADO
 ALVES BARATA

folhetim ► FACTOS E CONTOS DA TRADIÇÃO ORAL DA SERRA DA LOUSÃ

OS NEVEIROS

HERLÂNDER MACHADO

1 — OS ALQUEIRES DE PRATA

José Agostinho Barreto — o sogro da sr.^a Maria — era um homem dinâmico, regrado, pouco gastador, de actividade zelosa, diligente a "fazer casa", cioso do seu "pé de meia" — não viesse a doença...

Todos os meses se deslocava a Lisboa, fazendo estafante e penosa viagem a cavalo, atravessando cerros e planuras, por caminhos inseguros, onde o espreitavam perigos.

Ia ao botequim do Terreiro do Paço, para receber o dinheiro da neve que para lá vendera. E era corrente, no Coentral, que os do botequim Martinho da Arcada diziam para o neveiro:

— Com tanto dinheiro que recebe aqui, sr. Barreto, certamente vossemecê já mandou cobrir de prata as ruas da sua terra.

— Isso... Isso — respondia a rir o do Coentral, enquanto ia atando os sacos com as moedas acabadas de receber — Atão eu não tenho de pagar aos "carreiros" e aos demais que lá trabalham na neve?... Essa é mesmo boa... Atão as ruas cobertas de prata?

Não. Não estavam. Bem se sabe que as cobria o esterqueiro do mato retirado dos currais, que para ali ficava a apodrecer, semanas e meses, até poder servir de adubo nas terras de sementeira.

E, tirante as vias de acesso à po-

voação, velhos caminhos empedrados à maneira das antigas estradas romanas — será essa a sua origem? — eram de terra batida as tortuosas ruelas da aldeia, sobre as quais se lançava esse mato mal cheiroso.

Só por escárnio se poderia aludir a quaisquer beneficiações nesses caminhos.

Cobertas de prata...

E José Agostinho Barreto gargalhava gostosamente, recordando o soturno espectáculo do quelho contíguo à sua casa, enquanto dava uma olhadela ao luzidio empedrado, de basalto, do Terreiro do Paço.

Os do Martinho da Arcada também riam e comentavam em contagiante mofo:

— Sim, sr. Barreto, as ruas lá do Coentral, se isto assim continua, bem podiam ficar cobertas de prata...

Então, apontando para as pedras da esquina do Terreiro do Paço com a Rua Bella da Rainha — que afinal ainda viria a chamar-se Rua da Prata — por onde, nesse momento, passava uma bela carruagem brasonada, José Agostinho Barreto atirou com esta para o dono do botequim:

— Isso, isso... Mas vossemecê só tem aqui pedras à sua porta, apesar de vender cada arrátel de neve por mais de três vezes o preço por que eu

lha vendo... Aqui é que a rua devia ser de prata...

E, soltando risadas escarminhas, a acompanhar um gesto largo, o neveiro apontou para a estatua equestre de D. José e atirou para o outro: — Ruas cobertas de prata?...

Rindo desalmadamente, o outro terminou ali a caçoada, acabando por lhe dar uma amistosa palmada nas costas, a rematar a conversa:

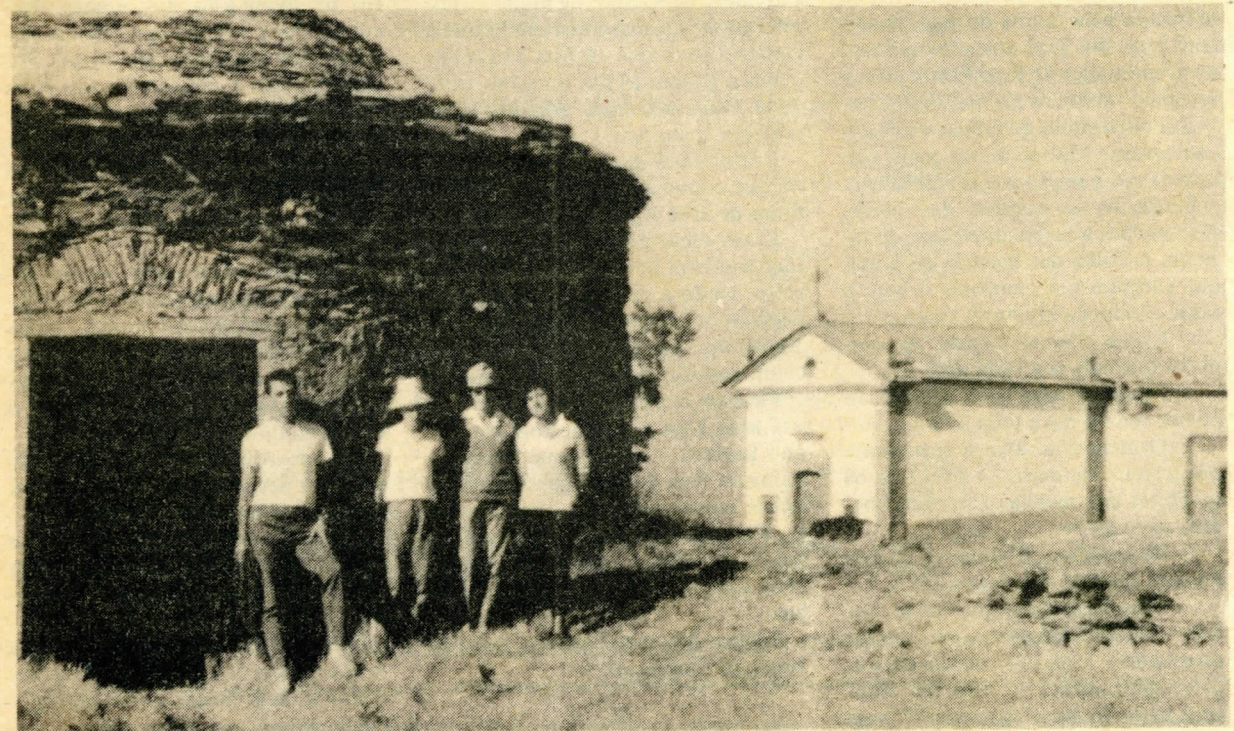
— Cá o espero no final do mês que vem. Tenha vossemecê boa viagem, sr. Barreto. E olhe que é bom ter cuidado por esses caminhos...

De volta ao Coentral, iria desta vez fechar negócio com os "terrenos" que há muito andava a namoriscar. Já era proprietário de boas terras, mas ainda se interessava pela aquisição de mais algumas, ali, junto à ribeira, quase para lá do lugar das Sarnadas...

Em casa, tinha José Agostinho Barreto um baú com mais de um metro de largura, grossa madeira, robusta fechadura, algumas ferragens de protecção com belo efeito decorativo. Servia-lhe de cofre. Ali guardava alguns pacotes de moedas e bolsas com libras.

— Ele "amanha-se" bem! — diziam, no Coentral, a respeito do neveiro — Há-de deixar boa fortuna aos filhos...

Entretanto, José Agostinho Bar-



reto era um homem feliz. Acabava de baptizar um filho. A vida sorria-lhe. E no livro de assentos dos nascimentos ocorridos na freguesia do Coentral, ficara exarado o seguinte:

"Termo do nascimento":

"Aos 12 dias do mês de Dezembro de 1835 neste lugar do Coentral Grande, perante mim Delegado da Presidência do Concelho de Pedrógão Grande, compareceu José Agostinho Barreto do dito lugar, com um bilhete do Rm.^o Pároco da freguesia do Coentral, Bispo de Coimbra em que declara que no mesmo dia baptizou solenemente Manuel, nascido a 7 do dito mês. Filho legítimo de José Agostinho Barreto, natural de Coentral da Cruz e de Maria

Barreto, natural do Coentral Grande, ambos da freguesia do Coentral; neto paterno de Sebastião Agostinho, natural do Coentral da Cruz e de Isabel Barreto, natural do Coentral Grande, sendo ambos da freguesia do Coentral; materno de Josefa Barreto, natural do Coentral Grande, de avô incógnito. Foram padrinhos, Manuel Henrique Pimentel, natural do Coentral do Fojo e Ana Barreto solteira, natural do Coentral da Cruz, ambos da freguesia do Coentral; foram testemunhas Joaquim Agostinho, natural do Coentral da Cruz e Manuel Cactano, natural do Coentral Grande, ambos desta freguesia do Coentral. Seguem as assinaturas."

— Quem poderia pensar, então que este filho de neveiro viria a ser um ilustre príncipe da Igreja?

(Dele falaremos numa outra ocasião) Diz-se que o povo ficou a conhecer esta insólita repartição da herança quando alguém pediu aos Barretos uma medida de alqueire — na qual encontrou entalada numa ranhura da madeira, uma moeda de prata.

E assim passou à tradição popular a "História dos Alqueires de Prata".

A herança do neveiro José Agostinho Barreto era extraordinariamente valiosa. Além das terras e das casas, havia o já referido baú das moedas de ouro e prata.

Ante a visão desse baú a abarrotar

(continua na pág. 6)

AUTOMÓVEIS

Deseja comprar, vender ou trocar o seu Automóvel ou Forqunete a gasolina ou a gasoil?

CONSULTE

AUTO PONTE DE ARROIOS, LDA. DE MANUEL TOMAZ & FILHOS

Rua de Arroios, 152-A
Telefones 40185 e 538034

1100 LISBOA

MÓVEIS COSTA

A MAIOR ORGANIZAÇÃO NO GÉNERO
DO CONCELHO E DA COMARCA

MOBILIÁRIO MODERNO E DE ESTILO ● ESTOFOS
● ALCATIFAS ● TELAS ● FRIGORÍFICOS ●
T. V. ● MÁQUINAS DE LAVAR

ARMAZÉM N.º 1 - MOREDOS
SEDE E ARMAZÉM N.º 2
AVENIDA DE S. DOMINGOS
(FRENTE AO HOSPITAL)

UM GERENTE

José da Silva Costa

TELEFONE 44152 3280 CASTANHEIRA DE PERA

NOTARIADO PORTUGUÊS

CARTÓRIO NOTARIAL - CASTANHEIRA DE PÊRA

DOSA - TÊXTIL CASTANHEIRENSE, LIMITADA CASTANHEIRA DE PÊRA

Certifico, que por escritura pública de dez de Setembro de mil novecentos e oitenta e dois, lavrada de folhas oitenta e quatro a oitenta e sete, do livro de notas número cento e quarenta e cinco, deste Cartório Notarial de Castanheira de Pera, na situação de vacância, por falecimento do respectivo titular, os Senhores MARIA MADALENA CARVALHO MIGUEL FRANCISCO; e DOMINGOS DOS SANTOS FRANCISCO, casados sob o regime de comunhão geral de bens, residentes nesta vila, constituíram entre si, uma sociedade por quotas de responsabilidade limitada, nos termos e condições seguintes:

A sociedade adopta a firma de "DOSA-TÊXTIL CASTANHEIRENSE, LIMITADA", e fica com a sua sede e estabelecimento, nesta Vila de Castanheira de Pera, durará por tempo indeterminado e tem o seu início desde o dia um de Setembro corrente.

O seu objecto consiste no exercício da indústria têxtil de malhas, para o

mercado interno e externo, bem como qualquer outro ramo de actividade industrial ou comercial, a que venha a dedicar-se e seja permitido por lei.

O capital social é de dois mil contos e acha-se integralmente realizado em dinheiro, correspondendo a duas quotas de igual valor, sendo uma da outorgante MARIA MADALENA CARVALHO MIGUEL FRANCISCO, no valor de mil contos e outra de igual importância do outorgante Domingos dos Santos Francisco.

Parágrafo primeiro — Poderão ser exigidas, prestações suplementares de capital, desde que tal facto seja deliberado em Assembleia Geral. Parágrafo segundo — Os sócios poderão fazer à caixa social, os suprimentos de que ela carecer, nas condições em que acordarem e for deliberado em Assembleia Geral.

A cessão e divisão de quotas entre os sócios e seus herdeiros, são livremente permitidas, dependendo no entanto de prévio e expresso consenti-

mento da sociedade, quando feitas a estranhos.

A gerência dispensada de caução e com ou sem retribuição, conforme for deliberado em Assembleia Geral, pertence a ambos os sócios, que dividirão entre si os respectivos serviços, bastando a assinatura de qualquer deles, para obrigar a sociedade em todos os actos e contratos e a representação em juízo e fora dele. Parágrafo único — Nenhum sócio poderá em nome da sociedade, assinar letras de favor, fianças ou abonações e mais actos ou documentos estranhos aos negócios sociais, ficando o sócio que transgredir o que fica exposto, responsável para com a sociedade, pelos prejuízos que lhe causar.

No caso de falecimento ou interdição de qualquer dos sócios, poderão os seus herdeiros, se assim o desejarem, continuar na sociedade, onde se farão representar por um que entre si escolherem, ou por quem legalmente os representar, mantendo-se quanto à divisão de quotas o estabelecido no

artigo quarto do presente pacto social.

A sociedade só se dissolve nos casos legais, em qualquer outro caso de dissolução serão liquidatários os sócios, procedendo-se à liquidação e partilha conforme acordarem e for de direito.

Quando a lei não exija outras formalidades, as reuniões da Assembleia Geral, serão convocadas por meio de cartas dirigidas aos sócios, com a antecedência de vinte dias pelo menos.

Os balanços dar-se-ão em trinta e um de Dezembro de cada ano e dos lucros líquidos que se apurarem, será retirada a percentagem legal para o fundo de reserva e o remanescente será, sem prejuízo de qualquer outra deliberação, dividido pelos sócios, na proporção das suas respectivas quotas.

Está conforme.

Castanheira de Pera, 13 de Setembro de 1982.

O Ajudante do Cartório Notarial
Assinatura Ilegível

ADÉRITO A. TAVARES DOS SANTOS

COM ESTABELECIMENTO DE: FERRAGENS
FERRAMENTAS
TINTAS
VERNIZES
ELECTRODOMÉSTICOS

TELEFONE 44439

3280 CASTANHEIRA DE PERA

MANUEL PEDROSO SIMÕES

INDUSTIAL DE ALFAIATARIA

E

MEDIADOR DE SEGUROS DAS COMPANHIAS

BONANÇA, EP

SUN-INSURANCE OFFICE, LTD.

TELEFONE 44498

3280 CASTANHEIRA DE PERA

OS ALQUEIRES DE PRATA

(continuação da pág. 5)

de moedas reluzentes, arregalaram-se os olhos dos herdeiros.

Só as libras de ouro estavam separadas, aos pacotes, numa larga caixa de madeira, arrimada a um canto do amplo cofre, aproveitando o convexo oferecido pela tampa do baú. Atado com uma fita azul, um grosso maço de promissórias de Real Erário estava arrumado sobre os pacotes das libras.

Era um tesouro de fábula o que encontravam. Muito, muito mais valioso do que o muito que já esperavam.

Contados os pacotes das libras, restava-lhes a tarefa apetecida de fazerem partilha das moedas de prata, que enchem por completo o baú, a rasar a linha da abertura.

— Como vamos separar os quinhões que cabem a cada um?

— Ficamos para aí a contar dinheiro todo o dia e toda a noite...

— O melhor — alvitra finalmente um terceiro herdeiro — é separar os quinhões das moedas com uma medida de alqueire.

— Boa ideia... E fazemos tantos montes quantos são os herdeiros.

— Mas há moedas que valem menos — alertou pressuroso um dos interessados. Mas logo acrescentou, contemporizador: — Não me amofino nada se um dos "manos" tiver mais umas peças do que eu... Só avento a ideia se tirar à sorte, depois, qual o quinhão de cada um.

— Além disso — interveio um dos outros — as moedas que valem menos também são mais pequenas e cabem mais na mesma medida.

— Pois, pois, fazemos assim. E também não há-de haver grande prejuízo para aquele que, porventura, venha a ficar com menos uma dúzia de moedas.

E todos chegaram a acordo. Aquelas partilhas vieram a ser muito comentadas na terra, ficando na memória da sua gente.

Sim, diz a tradição que não se perdeu tempo a contar as moedas de prata e que foi adoptada aquela singular prática de, com elas, se encherem várias medidas de alqueire para fazer a divisão da fortuna.

A história daquele baú e o dito do dono do botiquim do Terreiro do Paço, ao aludir à possibilidade de co-

brir de prata as ruas do Coentral, ainda hoje merecem referência aos mais antigos habitantes da aldeia.

Ainda há pouco tempo, em Setembro de 1978, o mais velho habitante do Coentral — Joaquim Lopes de Carvalho, de 93 anos de idade — nos referiu este episódio que ainda ouviu contar a sua avó — a Ana Miguel de quem a propósito das invasões francesas falaremos mais adiante, — e, também, a seu pai.

É impossível imaginar qual a quantidade que coube a cada um dos quatro filhos de José Agostinho Barreto.

Eram eles: José Nunes Barreto (que também herdou o ofício de neveiro, vindo a ser o último que a tal negócio se dedicou), Dom Manuel Agostinho Barreto (Bispo do Funchal), Joaquim Agostinho Barreto e...

Ficaram ricos.

...Mas, hoje, a casa de José Agostinho Barreto — aquela que fica à esquina da Rua do Vidoiro e ostenta a lápide comemorativa do nascimento do Bispo do Funchal — é um amontoado de ruínas, quase em escombros, e já esteve em risco de ser demolida.

Porque não fazer dela a sede da Junta de Freguesia?

★ ★

Passara a época de ouro do ofício dos neveiros. O Progresso, oferecendo outras soluções mais cómodas, menos laboriosas e, também, de menor dispêndio, dera um golpe de morte no antigo sistema.

Bem sabemos que, em 1891, ainda se acorreu ao planalto de Santo António da Neve, por ocasião de um nevão acontecido no decurso do mês de Maio.

Todavia, a actividade dos neveiros ia experimentando declínio — poucos anos mais havia de durar.

José Nunes Barreto — filho de José Agostinho Barreto — viria a ser como o último dos neveiros.

Estranhará o leitor que este filho de José Agostinho Barreto não tivesse apelidos iguais aos dos seus irmãos, pois enquanto, por exemplo, o futuro Bispo do Funchal foi baptizado com o nome de Manuel Agostinho Barreto, o seu irmão José — tal-

vez para não ficar com o mesmo nome do pai — foi registado com o nome de José Nunes Barreto, embora o povo apenas o tratasse por José Barreto.

Era normal a adopção deste critério na atribuição dos nomes. Recordo, por exemplo, que, com os netos de Ana Miguel, se passou um caso idêntico, isto é, enquanto a um deles se pôs o nome de Joaquim Lopes de Carvalho, ao irmão mais velho deste fora dado o nome de José Lopes Agostinho — só porque já havia um familiar chamado José Lopes de Carvalho.

E já que, neste curto parêntesis, dedicámos algumas atenções ao critério da atribuição dos nomes, ainda salientaremos o facto de, normalmente, o nome do pai aparecer antes do nome da mãe — exactamente o contrário do que se faz hoje.

Casado com Maria Barreto, o último dos neveiros instalou-se em casa próxima da habitação de seus pais.

Como já dissemos, ainda hoje se podem ver as suas iniciais na grade da varanda do primeiro andar deste prédio.

Morreu cedo o último neveiro, sem deixar filhos. E ninguém mais se dedicou, depois da sua morte, ao negócio da exploração da neve.

Viúva de José Barreto, a senhora Maria ainda viveu largos anos, vindo a morrer no dia 31 de Agosto de 1913.

Lá na aldeia, ainda hoje se fala na senhora Maria. E não deixa de ser muito significativa esta forma de tratamento — afinal reveladora de um certo grau de deferência e de respeito, pois as demais mulheres do Coentral eram habitualmente designadas por ti Jaquina, ti Carolina, ti Maria, ti Ana...

Viúva de José Barreto, a senhora Maria era pessoa de posses, usufruindo ainda uma parte relevante do património legado pelos últimos neveiros.

Seu sogro, José Agostinho Barreto, ainda vivera em pleno a época áurea da acção dos neveiros, que, após a sua morte, veio a sofrer um rápido declínio.

O último dos neveiros foi José Barreto — o marido da senhora Maria.

Dessa época, ainda pudemos recolher o testemunho dos três sobrevi-

ventes que, em 1956, arrastavam os seus últimos dias no Coentral. A eles nos referimos já nas páginas anteriores (in Ofício dos Neveiros). Acrescentaremos, porém, aqui, o facto de o mais novo desses três coentralenses — José Lopes Agostinho, nascido em 1874 — ter dezassete anos quando, pela primeira vez, foi apanhar neve ao alto de Santo António. Então, corria o mês de Maio de 1891...

A senhora Maria era de estatura meã, magra, os cabelos brancos, sedosos, de prata, espreitando sob o lençol negro com que sempre cobria a cabeça.

Toda de preto, em luto carregado, como, por tradição da terra, lhe competia, era modesta no trajar. Vestia, no entanto, os melhores tecidos, sendo, nisso, diferente das demais mulheres da aldeia. Adoptava, porém, os mesmos "figurinos" que elas usavam. Para as suas saias e blusas, o "modelo" era o mesmo que vinha sendo seguido por todo o mulherio da região.

Viúva, trajou de negro até à morte. Nunca quis aceitar as propostas de casamento tímida e respeitosamente esboçadas por vários pretendentes que, por certo, não deixariam de ver nela um bom partido.

— Se Deus me quisesse casada — comentava a senhora Maria — não me tinha levado o meu marido.

Vivendo só com uma criada, era ela própria quem dirigia a sua lavoura, contratando pessoal por ocasião dos trabalhos sazonais e, também, pagando a quem se encarregasse da pastorícia nos dias em que lhe competia, em função das cabeças de gado que possuía, guardar o gado comunitário — que, naquele tempo, se distribuía por três rebanhos.

Constava dos seus trabalhos diários a deslocação à Portela, de manhã e ao pôr do Sol, para fazer incorporar as suas cabras no rebanho comum e, depois, para as conferir e recolher nos currais, após um dia de pasto.

Então, cobria-se com uma capucha que era, afinal, a única peça do seu vestuário contrastante com o trajo corrente das demais mulheres da aldeia.

A senhora Maria era conhecida pela sua bondade, pelo socorro que

prestava aos pobres, pela vida piedosa que levava.

— Quando o meu pai se aleijou na perna — disse-nos, há dias, a tia Zulmira — foi ela quem deu lá para casa uns lençóis velhos de linho, para serem cortados às tiras e servirem de ligaduras. Bem me lembro disso...

Um frágil fio de voz, o corpo mirradinho, uns olhos vivos sob as lunetas um tanto embaciadas, setenta e sete anos cansados mas muito lúcidos, a tia Zulmira lança um suspiro e comenta:

— Ai que vida a nossa... Passámos muito frio e muita fominha... E a senhora Maria acudiu-nos muitas vezes... Ia lá a casa levar-nos comida... Ora eram castanhas, ora feijões e couves, ora batatas... E até me lembro de que algumas vezes nos trazia umas sardinhas fritas... Isso era mais raro, pois também era raro que as vendedoras de peixe, que vinham lá dos lados da Figueira, por Miranda do Corvo, descessem a nossa serra com as canastras à cabeça.

E lá em casa, como havia pouco que comer, a minha mãe fazia render as sardinhas por alguns dias... Olha, chegava a dar uma sardinha para três filhos... Um naco de broa era o resto do jantar ou da ceia... Que nós éramos sete irmãos...

Numa curta interrupção, a tia Zulmira ganhou alento e ficou-se a sorrir tristemente, para continuar pouco depois:

— Muitas vezes ficávamos só com um caldo de couves... E era bem bom, porque a sopa é a tranca da barriga, mas havia dias em que pouco melhor era a nossa sopa do que a "lavagem" que sempre se ia arranjando para o porco... Uma coisa era certa: quando a senhora Maria nos levava uns "mimos"... era um pequeno festim lá em casa.

E a tia Zulmira riu-se com gosto. Depois, teve novo silêncio, certamente na lembrança de quem a ajudou nos tempos de miséria da sua meninice. Esboçou certo enlevo, por uns momentos de ternura. E logo sorriu. No seu olhar, julgávamos descobrir uma ponta de saudade da gente de antanho.

— A casa da senhora Maria — diz-nos, agora com mais vivacidade —

era a que depois veio a ser do Pimentel, ali junto ao quelho da Lomba. Ele comprou-a, por três contos de reis, aos sobrinhos que foram os herdeiros da senhora Maria, pois ela não teve filhos.

Essa casa ainda lá está. Hoje apresenta uma "barriga", pois a parede da sua fachada principal deu de si e saiu da linha de prumo, arqueando-se, mesmo ao centro, no sítio de onde irrompe uma sacada que, com a sua artística grade de ferro — onde se destacam as letras J.N.B. — ainda embeleza a velha construção.

Era esta uma das melhores habitações do povoado, situando-se junto à confluência dos estreitos arruamentos que vão dar à Barroca, à Lomba e ao sítio do Castelo — soalco da encosta onde se abrigam algumas casas modestas — ali se ligando à rua que vem subindo desde o Vidoiro passando uma tangente à Rua da Praça (Porque lhe terão dado este nome? Ao que se diz, porque ali paravam e faziam negócio os almocreves, os feirantes e os vendedores ambulantes que, a pé ou a cavalo, percorriam os trilhos da serra).

A sua casa destacava-se de todo o casario envolvente, tendo a rua principal e o quelho da Lomba a separá-la da amálgama de pardieiros circunvizinhos. Estes, arrimando-se uns aos outros, estendiam-se até à Barroca — onde ainda não havia qualquer fonte.

Sob um tosco passadiço — barrotes tortuosos, à vista, segurando um soalho meio apodrecido — ficava o acesso ao sítio do Castelo, através de uns irregulares degraus de pedra que subiam por entre os currais das casas.

Retocado aqui e além, esse cenário ainda se mantém, mas o passadiço é, agora, de cimento armado.

E a um braço de distância das janelas da casa que foi construída, em galeria aérea, sobre esse caminho do Castelo, vai mostrando crescente ruína o casebre fronteiro à casa da senhora Maria. Uma velha figueira ensombra o recanto, parecendo estar ali para esconder alguns escombros.

Todo o conjunto é, afinal, um belo quadro de rusticidade!

TROVISCAL

A ÁGUA MOLE
E A TERRA DURA

A desertificação é um fenómeno em que, gradualmente, as areias vão ocupando o lugar de terras férteis; é um processo lento, mas, segundo os peritos, eficaz e, nalguns casos, irreversível. Quase podemos dizer que a vida vai cedendo à morte, pois não são apenas os seres vivos que têm esse "privilégio": as coisas e os lugares também, só que esses não morrem por si — frequentemente, são deixados morrer...

O Troviscal é uma aldeia em que o processo acima descrito parece estar em curso. Se não, vejamos:

— Por várias razões, é cada vez maior o número de casas desabitadas, o que, não podendo ser atribuídas a culpas a alguém em particular como é óbvio, contribui por si só para uma

crecente sensação de vazio e de abandono que se experimenta ao percorrer as ruas.

— Seja por que motivo for — e não sabemos até que ponto certo tipo de politiquices e mesquinhices exercem o seu peso na balança — não se vislumbra nem se sente força de vontade colectiva suficiente para formar uma associação ou clube, clube que em tempos já existiu, diga-se de passagem. Eram outros tempos, ou outras vontades?...

— A capela, considerada por muitos como bonita, continua sem que esses que a apreciam se esforcem por fazer algo por ela: obras de conservação, por exemplo.

— Outro reflexo desta talvez aparente apatia e de um talvez não tão aparente "deixa andar", é o estado

do campo de futebol; qualquer dia, estará totalmente coberto por um belo tapete feito de mato e urtiga. Desconfiamos que quem promoveu a sua construção não pensaria em tais "melhoramentos" deixados fazer pelos vindouros...

É dito antigo que quem não sabe falar não se sabe calar; e se a confusão é grande quando todos pretendem falar ao mesmo tempo, não será menos confuso que todos se calam e consentam na falta de medidas que revivam e promovam, afinal, uma certa maneira de estar melhor no mundo. Ou será que, muito simplesmente, as terras têm os habitantes que merecem?

Em nosso entender, esta terra não é assim tão má.

J.C.A.

IMPLANTAÇÃO DA REPÚBLICA

(continuação da pág. 4)

... não viria a cercar a liberdade de opinião como cometeria actos repressivos, e, entretanto, a opinião pública censurava a Monarquia pela maneira como "entregava" o ultramar... Para os republicanos de então, como para os que em 1916 defenderiam a participação de Portugal na Grande Guerra, Portugal era "uno e indivisível", isto é, a fidelidade aos direitos seculares da História era imperativo para a defesa dos domínios ultramarinos... Eram então esses os "ventos da História"!

Nesse ano de 1891 houve "corrida aos Bancos". A crise económica con-

duziria a uma moratória geral (10 de Junho de 1891). Houve sério aumento da circulação fiduciária. As moedas de prata e de cobre rareavam. O ouro desaparecia. Tanto a situação cambial como o tesouro público viariam a atravessar um período crítico... Naturalmente, recorreu-se a um aumento das contribuições (em 1892)... E cresceu a impopularidade das instituições vigentes!...

Um dualismo, ou, melhor, uma contraposição se estabeleceu: De um lado, assim politizados os problemas nacionais, estavam os partidários da Monarquia (e esta era declarada imponente para a resolução da crise). Do outro, surgia, em cada situação concreta, a crítica republicana, a ideia de que estaria na República a eficiência requerida. Radicalizaram-se os campos políticos. Ou República ou Monarquia! E, depois, ou Catolicismo ou Livre-Pensamento!... A agitação viria em "crescendo".

Terminado o reinado de D. Luís, em 1889, a "factura" viria a ser apresentada a seu filho D. Carlos. E o preço pago pelo monarca foi o do Regicídio, ocorrido em 1 de Fevereiro de 1908.

Entretanto, fora quebrado, em 1907, o chamado "rotativismo", isto é, a alternância no Poder dos partidos Progressista e Regenerador. Com efeito, nesse ano, foi chamado ao governo o partido Regenerador-Liberal que em breve seria acusado de fazer represões violentas. E nas eleições para a Câmara dos Deputados da Nação, o Partido Republicano vai ganhando lugares. Afonso Costa cedo se distingue pela sua acção combativa. Dirá no Parlamento que se torna necessário "substituir sem demora as actuais instituições políticas por outras diversas, de feição republicana, graças às quais o governo pertença à Nação e não a uma família, casta, grupo ou classe privilegiada e seus aderentes..."

A República torna-se sinónimo de Democracia, enquanto o regime monárquico é referido como sistema tirânico. Assim, a revolução começa nas próprias palavras. O clima político deste período foi, afinal, bem sintetizado por Brito Camacho, que assim explica a forma de combate dos homens que preparavam o advento da República: "Havemos de obrigá-los às transigências que rebaixam ou às violências que comprometem".

Conspira-se. Há insurreição no campo civil e no campo militar, na rua e no Parlamento... A situação torna-se revolucionária... O "Cinco de Outubro" vai acontecer muito naturalmente.

A revolução armada começou com o levantamento do Regimento de Infantaria 16 (depois denominado Batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro), a Campo de Ourique. Ali foram mortos o comandante (coronel Valdez) e o capitão Barros. Acompanhado de setenta civis, Machado Santos ocupa o quartel. Depois, junta-se a Sá Cardoso, em Artilharia Um. E vão instalar as suas forças na Ro-

tunda. Entretanto, em Alcântara, sublevou-se o Quartel de Marinheiros. E, no Tejo, dois navios de guerra — o "Adamastor" e o "S. Rafael" — constituem outro foco militar revolucionário.

O rei D. Manuel II partiu para Mafra e daqui seguiu para a Ericeira, onde toda a família Real se juntou e embarcou para o exílio. A República triunfara. Às nove horas da manhã do dia 5 de Outubro, foi proclamada a República na Câmara Municipal de Lisboa.

Na célebre sucessão dos acontecimentos revolucionários, foi de imediato constituído um Governo Provisório, presidido pelo Dr. Teófilo Braga. Os principais vultos da propaganda republicana fizeram parte desse primeiro governo republicano, assim formado: Presidente — Teófilo Braga, Interior — António José de Almeida, Justiça — Afonso Costa, Negócios Estrangeiros — Bernardino Machado, Guerra — coronel Correia Barreto, Marinha — capitão-de-mar-e-guerra Azevedo Gomes, Fomento — António Luís Gomes, Governador Civil de Lisboa — Eusébio Leão.

Às primeiras horas do dia 5 de Outubro, o jornal "O Século", em edição especial, noticiava o triunfo da revolução: "... No castelo de S. Jorge, que ainda tinha a bandeira azul e branca, foi içada a bandeira republicana. O povo dirigiu-se à Câmara Municipal aos vivas à República, içando ali também a bandeira republicana. O povo, em massa, dirigiu-se aos quartéis dos Paulistas, Carmo e Estrela (da Guarda Municipal), onde foram içadas bandeiras, dando vivas à Pátria e à República, entusiasticamente correspondidos pelos soldados. Os navios estão salvando a bandeira republicana (...). A Polícia faz causa comum com o povo que percorre as ruas..."

PEDRO LIVRE

NO DIA 22 DE AGOSTO

FALECEU O DR. ANTÓNIO BEBIANO
CORREIA HENRIQUES CARREIRA

Após duas intervenções cirúrgicas, realizadas num hospital de Coimbra, faleceu aquele nosso amigo.

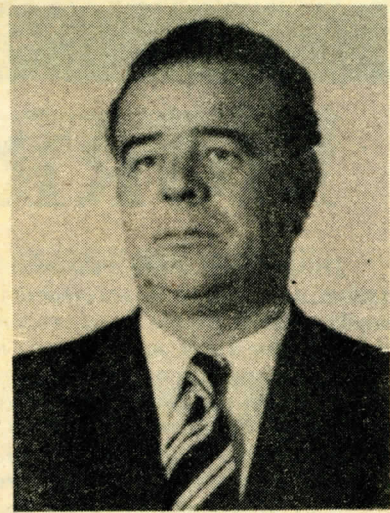
Figura de cativante simpatia, coração bondoso, afável no trato com todos quantos dele se abeiravam, era um homem bom que contava com amigos a todos os níveis da sociedade castanheirense.

Com natural bonomia, sofredor, em serenidade, das adversidades que a vida lhe reservou nos últimos anos, o Sr. Dr. António Bebião Correia Henriques Carreira impôs-se à consideração de todos pela afabilidade, pela solidária amizade, pelo comportamento educado e coerência de atitudes.

Após grande sofrimento moral, depois de múltiplas horas de angústia, caído, por fim, na grave doença que o vitimou, deixou para sempre o nosso convívio.

Paz à sua Alma!
À família enlutada apresentamos sentidas condolências.

Nascido em 1926, licenciou-se em Direito pela Universidade de Coimbra, foi durante largos anos Conservador do Registo Civil e Notário em Castanheira de Pêra. Foi deputado à Assembleia Nacional, em 1969.

RESTAURANTE
SNACK-BAR
Chopp-Avenida

DE ANTÓNIO HENRIQUES COSTA

COZINHA REGIONAL
Especialidade: Bacalhau e Bife à "Chopp"

VINHOS DAS MELHORES MARCAS

AMBIENTE SELECCIONADO

VISITE-NOS!

(Aberto das 8 às 2 H)

Avenida de S. Domingos Telef. 44349
3280 CASTANHEIRA DE PÊRAAUTOMÓVEIS DE ALUGUER
PRAÇA VISCONDE DE CASTANHEIRA DE PÊRA

PROPRIETÁRIOS

TELEFONES

ANTÓNIO REDONDO DA COSTA	Praça — 44358
	Res. — 44358-E
ANTÓNIO DA SILVA CAETANO	Praça — 44241
	Res. —
ISALTINO DA CONCEIÇÃO	Praça — 44492
	Res. — 44371
JOSÉ ALVES HENRIQUES EIRAS	Praça — 44241
	Res. —
JOSÉ DAS NEVES BERNARDO	Praça — 44241
	Res. —
MANUEL ALMEIDA NEVES	Praça — 44154
	Res. — 44333
MANUEL SIMÕES	Praça — 44154
	Res. — 44323

SERVIÇO PERMANENTE PARA O PAÍS E ESTRANGEIRO

AGRADECIMENTO

MARIA DE FÁTIMA
COSTA DA SILVA

António Pinto da Silva, Maria Helena da Conceição dos Santos Costa da Silva, Maria Eugénia Costa da Silva, Vicente Gonçalves e José Manuel Vicente Gonçalves, por impossibilidade de o fazerem directamente, agradecem a todos quantos se dignaram manifestar o seu pesar e os acompanharam neste doloroso transe.

AGRADECIMENTO

DR. ANTÓNIO BEBIANO
CORREIA HENRIQUES
CARREIRA

A Família de Dr. António Bebião Correia Henriques Carreira, agradece muito sensibilizada a todos quantos a acompanharam na sua dor e muito especial e comovidamente à Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Castanheira de Pêra, seu Corpo Activo e Comando, pela representação enviada.

JORNAL DE CASTANHEIRA DE PÊRA

INSCRIÇÃO DE ASSINANTE

Nome

Morada

Código postal

Localidade

Escreva para:

APARTADO 13

3280 CASTANHEIRA DE PÊRA

ASSINATURA { Anual (250\$00)
Vitalícia (5.000\$00)

memórias e confidências de Miguel Trevim

MORREU O VELHO PASTOR

Estou a vê-lo, ainda... alquebrado pela idade, no apoio do seu cajado nodoso, na resignação do seu olhar tímido, no lampejo vivaz que lhe visitava as pupilas quando, em sua linguagem humilde, nos aparecia a filosofar sobre os homens, sobre a vida, sobre os bens e males deste mundo.

A serra conhecia-o bem. Eram mesmo amigos velhos. As botarras do bom homem tratavam as pedras por tu. E uma intimidade de dilatados anos permite-nos afirmar, sem exagero visível, que o matagal dos infundáveis cerros ajudou a puir o seu fato de surróboco... tantas foram as vezes em que a carqueja e o tojo lhe roçaram o corpo.

Entre as vertentes do cenário bucólico, a silhueta adelgada do pastor oferecia-nos um inesquecível primeiro-plano, recortado em fotogenia impressionante.

Quadro estético, painel consuetudinário, fresco maravilhoso salpicado pela "patine" do tempo, a serra emoldurou vezes sem conta o seu rebanho de paciente pastor.

Em seu passo de asceta, o velho calcorreava os antigos trilhos, era todo ele uma afirmação de presença de um passado sem história, abnegado caminhante atento aos sortilégios da montanha escarpada.

Lá, das lonjuras serranas, lançava uma mirada ao secular campanário da aldeia recôndita, fitava depois as vertentes pedregosas, sempre vigiando o gado que lhe estava confiado. Enxugava a testa, atirando sobre a nuca o largo chapéu cambado e continuava, sem mutação de cadência, o seu passo seguro e sereno, deslocando-se, sob um sol escaldante, para as sombras esparsas dos castanheiros carcomidos pelo tempo.

Via-se que era feliz quando lhe calhava a vez de ir para a serra guardar, à maneira comunitária, todo o gado da aldeia.

Estou a vê-lo ainda... altivo em sua pobreza, resignado pela sorte que, afinal, ele próprio escolhera — ficando ali, quando outros abalaram para as Áfricas ou para os Brasis... Era nobre em toda a extensão das suas renúncias, convicto das suas razões, sereno. Dir-se-ia que se deixara contagiar pela paz da própria serra.

Com que saudades o recordo!

Foi ele quem me revelou a vivência poética que anda associada à pastorícia, na quietude dos largos horizontes que dominam os infundáveis vales e os tímidos regatos.

Bem me lembro!...

...Durante uma campanha jornalística, eu tive necessidade de colher, "in loco", informações mais pormenorizadas acerca de um grave conflito entre os interesses afectos à pastorícia e à floresta. Vivía-se ali, nos confins da montanha, uma rude polémica popular.

Fui com o velho para a serra. E, durante essa jornada comum, escutei-o, encantado com a sua bonomia. Observei-o, impressionado com a vivacidade de algumas facetas do seu espírito. Atentei nos seus ponderados conceitos de homem simples. Fiz-lhe perguntas sem conta e surpreendi-me com a justeza conciliadora dos seus pensamentos.

Fácies marcado pelas agruras de muitos anos, nem por isso deixava aflorar aos lábios a dureza de um homem rude. Mostrava-se incapaz de se entregar ao fervilhar das paixões. Era bem um velho sem rancores, entregue, em serenidade plena de dignidade, às suas próprias crenças.

Confiava no seu destino e, em seu desejo quase frenético de paz, tanto deixava antever um herói, como um cobarde, sempre anónimo.

— Tenho esta idade — disse-me — e nunca fui chamado à justiça!

Era este o seu maior orgulho.

Homens de antanho... quanta saudade nos fica!...

Pobre pastor! Velho, minado pelos anos, naturalmente bom — eis como o recordo, em tristeza e em saudade.

Na curta paragem que fizemos para o almoço, nesse dia já distante, disse-me ele:

— Olhe, eu tenho setenta e quatro anos e nunca levei injeções, nem sangrias... nem veio médico ao pé de mim... As ervas sempre chegaram... Nada mais!... Nem médico, nem barbeiro — que eles dantes eram entendidos! — Também, se o médico tiver de vir ao pé de mim... é aquela vez e mais nenhuma... A gente tem de morrer... É assim a vida!...

Tudo aconteceu como ele previu! Depois de curtíssima doença, o velho pastor morreu. O médico ainda veio à sua cabeceira... Foi aquela vez e mais nenhuma!

Já não é deste mundo!

Mas eu estou a vê-lo, ainda... alquebrado, no apoio do seu cajado nodoso... contagiado pela paz da própria serra, onde foi escravo e foi rei...

E a sua herança lá está — tal como ele próprio a recebeu!



BELO ESPECTÁCULO INFANTIL DO CENTRO DE APOIO FAMILIAR

No passado dia 25 de Setembro, pelas vinte e uma horas, o Centro de Apoio Familiar promoveu, com as crianças que o frequentam, um espectáculo de teatro e variedades, com o qual quis assinalar o termo do seu primeiro ano de actividade. Este espectáculo foi levado à cena no salão dos Bombeiros Voluntários da vila, o qual se mostrou pequeno para a numerosa e interessada assistência que a ele acorreu.

Antes da hora, já o salão estava

literalmente cheio e quase com tantas pessoas em pé como sentadas. O espectáculo desenrolou-se por mais de três horas, com os naturais intervalos, mas ninguém o achou longo, nem abandonou o salão, presas como estavam as pessoas da arte, beleza e encanto com que os pequeninos artistas se houveram em palco, cativando a atenção e o interesse de todos.

Na assistência estavam, naturalmente, muitos pais e familiares

das crianças intervenientes, alegres e satisfeitos pela forma como viam os seus filhos e parentes movimentar-se e representar no palco, bem como bastantes jovens e alguns idosos do lar da vila, num total de cerca de quinhentas pessoas.

Em cena, os números sucediam-se, agrupados em três partes, prendendo a atenção dos espectadores. Eram à volta de trinta e incluíam canções, poesias, ginástica e danças rítmicas, imitação do rock, fados e

grupos corais. O espectáculo terminou com a canção "A Guerra dos Meninos", de Roberto Carlos, interpretada por uma das crianças e com a participação de todo o público, num momento verdadeiramente alto da noite.

Neste espectáculo, entrevistaram todas as crianças que frequentam o Centro de Apoio Familiar, em número de quarenta e oito, e todas com mais de uma actuação. É de salientar a naturalidade, o à-vontade, a desenvoltura e graciosidade com que muitas delas representaram e cantaram, revelando apreciáveis aptidões para este género de actividades recreativas, que seria bom aproveitar e desenvolver.

Para que esta festa se tornasse possível, foi necessário uma conjugação de esforços e boas vontades, que nunca faltaram desde a primeira hora, e que aqui é grato registar. Desde a monitora do Centro de Apoio e dos jovens da Ocupação dos Tempos Livres para ele destacados, aos Bombeiros Voluntários que cederam as instalações, da Câmara Municipal à Escola Preparatória, do conjunto musical "White Star" aos pais das crianças e outras pessoas particulares, todos colaboraram com o maior dos interesses, para que este encantador espectáculo infantil resultasse no êxito que foi, para alegria das crianças e satisfação de quantos nele investiram os seus esforços e de todos

quantos tiveram oportunidade de o presenciar.

Está de parabéns o Centro de Apoio Familiar, a quem felicitamos na sua Direcção e de parabéns está também a vila de Castanheira de Pêra, que conta com uma tão promissora realidade como esta já mostrou ser, no ano que tem de existência.

A nós, resta-nos desejar que o primeiro espectáculo, agora levado à cena, não seja o último e que o Centro de Apoio Familiar possa, de vez em quando, brindar os pais das crianças que o frequentam e o público de Castanheira em geral, com momentos de rara beleza e intensa emoção estética como os que, desta vez, nos ofereceu.



ARTE

Pedras rubras do sonho
No mar azul da consciência

Arte meu refúgio
Arte minha verdade
Arte sou e arte sinto
Nas veias da realidade arte corre

Arte meu único bem-estar
Arte meu encontro minha perdição
Arte eu
Arte tu
Arte amar e existir
Que a força da arte
Que é amor
Vença

AURA